

APRENDIZADOS E TRANSFORMAÇÕES NA PRÁTICA PROFISSIONAL: Relato de Experiência

Jirlany Marreiro da Costa Bezerra

Resumo: O presente artigo tem como principal objetivo trazer uma reflexão das experiências vivenciadas dentro de um contexto prisional, a partir das ideias de Foucault (2003), Albuquerque Júnior (2012), Le Goff (2012), Zaffaroni (1991) entre outros teóricos, em torno das questões sobre discurso, poder, sujeito e construção de identidades. Fazer essa reflexão não foi tarefa fácil, uma vez que os discursos, assim como comportamentos que permeiam o sistema prisional são impregnados de conflitos, relações de poder e significações considerando todos os sujeitos envolvidos nesse universo. Pensando, desta forma o presente artigo propõe descrever as relações de poder que estão por traz desses discursos e o papel do sujeito que vivência as experiências no local descrito através da prática profissional oportunizando a reflexão acerca de um universo pelo qual poucos vivenciam e que não se torna não menos importantes para discussões e aprofundamentos sobre a temática dos relacionamentos, vivências, aprendizagens e prática profissional.

Palavras-chaves: Discurso; poder; preso; presídio; sujeito.

LEARNING AND TRANSFORMATION IN PROFESSIONAL PRACTICE: Experience Report

Abstract: The main objective of this article is to reflect on the experiences lived within a prison context, based on the ideas of Foucault (2003), Albuquerque Júnior (2012), Le Goff (2012), Zaffaroni (1991) among other theorists, in around questions about discourse, power, subject and construction of identities. Making this reflection was not an easy task, since the speeches, as well as behaviors that permeate the prison system are impregnated with conflicts, power relations and meanings considering all the subjects involved in this universe. Thinking in this way, this article proposes to describe the power relationships that are behind these speeches and the role of the individual who experiences the experiences in the place described through professional practice, providing opportunities for reflection on a universe that few experience and that do not makes it no less important for discussions and deepening on the subject of relationships, experiences, learning and professional practice.

Keywords: Speech; power; stuck; presidio; subject.

APRENDIZAJE Y TRANSFORMACIÓN EN LA PRÁCTICA PROFESIONAL: Informe de experiencia

Resumen: El objetivo principal de este artículo es reflexionar sobre las experiencias vividas dentro de un contexto carcelario, basadas en las ideas de Foucault (2003), Albuquerque Júnior (2012), Le Goff (2012), Zaffaroni (1991) entre otros teóricos, en en torno a preguntas sobre discurso, poder, sujeto y construcción de identidades. Hacer esta reflexión no fue una tarea fácil, ya que los discursos, así como los comportamientos que impregnan el sistema penitenciario están impregnados de conflictos, relaciones de poder y significados considerando todos los temas involucrados en este universo. Pensando de esta manera, este artículo propone describir las relaciones de poder que están detrás de estos discursos y el papel del individuo que experimenta las

experiencias en el lugar descrito a través de la práctica profesional, brindando oportunidades para reflexionar sobre un universo que pocas experiencias y que no lo hace no menos importante para las discusiones y la profundización en el tema de las relaciones, experiencias, aprendizaje y práctica profesional.

Palabras llave: discurso; poder arrestado prisión sujeto.

INTRODUÇÃO

Desde o início da minha graduação procurei compreender a importância do indivíduo na sociedade e o seu papel como agente transformador de uma geração, de uma cultura. Durante a minha trajetória profissional, trabalhei três anos e oito meses no Sistema Prisional, atendendo pessoas em regime fechado, semiaberto e aberto, expandindo os atendimentos para as famílias dos detentos. Nesse contexto, um fato curioso que me chamou atenção foram as variantes comportamentais observáveis por meio da reinserção desses indivíduos na sociedade, assim como a reincidência dos mesmos para o sistema penitenciário.

Enquanto exercia a minha prática profissional refletia sobre o porquê de se trabalhar dentro do universo profissional, e questionava sobre as motivações que me levaram a querer buscar resultados nesse campo específico.

Acredito que minha formação me estimulou a repensar os significados dos conceitos sobre marginalização e exclusão, tendo em vista que o presídio é um dos lugares mais complexos devido a sua forma, ou seja, sua pluralidade de discursos, sabendo que se não existir a forma, não há como existir o discurso. A reincidência desses sujeitos ao crime acarreta a discussão sobre a forma que essas condutas são internalizadas por eles e redirecionadas dentro da sociedade.

Enquanto observava a condição desses homens e mulheres encarcerados, perguntava-me: Como eles, “presos(a)”, se viam enquanto indivíduos encarcerados? Como eram usados/deslocados os seus discursos? Com as experiências vivenciadas nos Grupos de Convivência, comecei a questionar e analisar, mais precisamente, a formação discursiva dentro do sistema penitenciário, expressada muitas vezes por uma linguagem verbal e corporal notadamente preconceituosa e repleta de conflitos existenciais, refletido por um sujeito recluso e pelo próprio sistema penitenciário, marcada por histórico familiar desestruturado e violento, onde os valores morais são deturpados ou simbolicamente modificados, resultado, dentre outros fatores, da dificuldade de convivência na família e na sociedade.

Diante desses questionamentos, é importante relatar a minha experiência, o meu trabalho dentro do sistema penitenciário como psicóloga, como mulher, buscando exercer um papel ativo dentro desse meio social tão excludente.

De início farei um breve histórico profissional no presídio e conseqüentemente o desenvolvimento do trabalho como técnica, relacionando, justamente as distorções discursivas em torno do sujeito marginalizado e a prática realizada, através das teorias de Foucault, que fala das relações de poder, discurso e sujeito, assim como os conceitos de Albuquerque Júnior sobre o preconceito do lugar e do indivíduo, Le Goff, que trás a discussão sobre a história e memória e Zaffaroni, que discute a relação das leis e do sujeito marginalizado.

O COMEÇO DE TUDO

O meu primeiro dia de trabalho no presídio foi cheio de expectativas e ansiedades, provenientes da capacitação que foi dada aos novos servidores, quando percebi que os desafios de se trabalhar dentro do sistema penitenciário começavam cedo, pois o presídio, não tinha estrutura física para absorver a grande quantidade de funcionários que estavam chegando.

Tratando-se da equipe técnica da qual fazia parte não tínhamos um espaço físico para ficarmos, e por isso fomos colocadas entre as paredes, nos corredores do presídio. Esse primeiro impacto foi imenso à nossa condição como mulher, como profissional, pois além de mim, mais três técnicas (assistentes sociais), faziam parte. Percebi naquele momento onde estava. E que a instituição (presídio) ditava o que o indivíduo deve ser, fato esse evidenciado, pelos discursos e pelos espaços utilizados como instrumento de poder, de coação. É o que Foucault (2003) salienta ao assumir que “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2003, p. 118).

Essas imposições tentaram ocorrer de forma disciplinarizadora, buscando controlar todos os meus atos executados, como se fosse mais um indivíduo a ser normatizado dentro dos padrões estabelecidos dentro do presídio. A visível relação de poder, exercida por aqueles que executavam a segurança, demonstrava a ideia de que o meu lugar era apenas de apaziguadora dos sentimentos e revoltas dos presidiários. Desfazer-se dessa imagem foi um longo processo, tanto para mim/Psicóloga quanto para as demais técnicas/Assistentes sociais, tal tarefa exigiu esforço, determinação e muita paciência.

O primeiro ano de trabalho no presídio foi caracterizado por esse exercício constante de demonstrar que a disciplina dos nossos corpos, dos nossos discursos não estava sujeito ao desejo de determinados indivíduos, mas na tentativa de desfazer o que já estava dito como verdade intramuros, buscando uma desconstrução do discurso imposto. Essa desconstrução parte do entendimento do contexto histórico, das infinitudes de contextos e contra-contextos que modificam ou ajustam determinados acontecimentos. Dentro do presídio esses conceitos são reformulados constantemente em virtude da dinâmica vivenciada. É necessário desligar-se de fatos visuais, escritos para construir um novo olhar sob o que já foi dito/datado, como afirma Foucault (2008). Pois, o homem possui uma necessidade de dar continuidade a fatos, relatos, buscando não romper, guardando na memória.

Essa imagem, uma vez modificada, traz para aquele que observa e assiste a um conflito de valores e de conceitos, produzindo divergências administrativas como ocorria sempre que os discursos eram opostos ao esperado. Mesmo havendo os sucessivos conflitos entre os indivíduos que trabalhavam dentro do presídio, havia uma necessidade do descontínuo, da mudança, uma vez que a ordem estabelecida precisava ser modificada para que as relações de poder pudessem ser transformadas. É libertar-se, inquietar-se da continuidade tão enraizada nas mentes fabricadas pelas instituições de poder.

Era a busca da parresía, do falar verdadeiro, do dizer tudo, sobre si e sobre o outro, que segundo Foucault, “[...] consiste em dizer a verdade, sem dissimulação nem reserva nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascará-la” (FOUCAULT, 2011, p. 11). No entanto, o “dizer a verdade”, consistia na briga contínua com aqueles que desejavam a normatização, à disciplina e a continuidade.

Entrar em um ambiente desconhecido como a prisão, trazia um misto de sentimentos e inseguranças por todo o discurso formado/forjado no exterior de seus muros, veiculado, principalmente, pela mídia, em programas policiais, em noticiários que

ênfatisam apenas o visível, claro, marcado, ou seja, a violência, o crime e a desordem. Nesse sentido, o discurso tem a capacidade de forjar determinadas identidades, mesmo que essa imagem nunca seja real. O que está sendo dito “[...] é um mero enunciado dos principais meios de comunicação de massa, como aparato de propaganda do sistema penal e sua dedicação quase exclusiva a tal propaganda [...]” (ZAFFARONI, 2014, p. 131).

Desfazer esses conceitos já formulados e enraizados culturalmente é buscar desconstruir aquilo que já foi dito, a forma como olhamos essa estrutura física, social e humana vem muito do ponto de vista que nos foi passado, a palavra dita em um determinado tempo, ganha um significado, e em outro, muda de significado, principalmente, vista através dos estereótipos dos menos favorecidos, dos despossuídos, aqueles que pela ação arbitrária da vida os conduziu a serem taxados de marginais.

As comunicações de massa proporcionam uma imagem que muitas vezes não condiz com o real, mas através do seu poder produz uma imagem que se torna uma realidade.

A prisão como instituição reformadora, inicialmente pensada, produz, contrariamente, no comportamento dos presos características de regressão, pois ao se pensar em reconstruir valores, posicionam esses sujeitos a levarem uma vida, uma sentença que não se limita a perda da liberdade, mas a perda de todos os seus direitos primários, principalmente quando ferido em sua auto-estima, condicionando os mesmos a uma “cultura de cadeia”, com afirmação Zaffaroni (2014).

Todas essas questões possibilitaram uma reflexão sobre o processo de violência, de poder, de verdade, de discurso em que todos os sujeitos de dentro do sistema penitenciário estavam vivendo. Quando me refiro a expressão “dentro” não estou considerando apenas os presos, mais todo o corpo funcional do presídio.

Eu, como integrante desse contexto tão novo, notei estar em prova continuamente devido ao espaço que ocupava e à função que exercia. Isso desperta-me para uma citação que Foucault realiza em *A Ordem do Discurso*, afirmando que, “É preciso continuar, eu não posso continuar, é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam” (FOUCAULT, 1999, p. 6). Revelando uma necessidade de me impor enquanto profissional, em uma estrutura física e fria, em que as relações de poder me conduziam a nem começar um discurso, já que as ordens hierárquicas estavam prontamente estabelecidas pelas leis impostas.

Devo deixar claro que não foi fácil a entrada de uma equipe técnica formada por mulheres, foi um grande desafio, um deles restringe ao fato do espaço físico ser prioritariamente territorializado por homens, com exceção de algumas mulheres encarceradas. Buscar esse espaço num ambiente tão hostil foi tarefa árdua, conquistada pouco a pouco, à proporção que o corpo presente e a voz se faziam ser ouvida, ou seja, os discursos expressos ganhavam uma nova tonalidade e uma nova força. Esse discurso buscava suscitar uma verdade desconhecida ou ignorada por tanto tempo. Era o exercício da *parresía*.

No presídio, automaticamente essas relações de poderes mascaravam-se em micropoderes determinados não só pelos agentes de segurança, corpo técnico, administrativo, mas pelos próprios presos que obtinham a sua parcela nesse sistema, era uma quebra de braço, onde o ganhador obtinha o poder. Fato que segundo Foucault (1995), traduz como a mecânica do poder, ou seja, todos os atos e atitudes dos indivíduos refletiam, interferiam na conduta a ser desempenhada.

A cada dia observava as relações de poder serem quebradas, reconstruídas, alteradas, modificadas sempre com o objetivo de alcançar a vitória, era um jogo constante de quem tem poder, quem tem voz, quem tem o saber e não era fácil administrar e

entender tantos conflitos num mesmo local. No entanto, como não se esperar que um presídio não fosse um espaço de guerra, de demarcação de territórios. Era demais, esperar por um lugar de paz.

Entendo que havia uma necessidade de se construir um espaço social, em que os discursos precisavam ser modificados ou apenas ouvidos, não demarcado somente pelas relações dominantes, mas por todos que estavam vivenciando aquele momento. À medida que tomava conhecimento do meu papel, a minha identidade como profissional foi formada no interior do presídio. Como afirma Escobar (2005):

O conhecimento local não é puro, nem livre de dominação, os lugares podem ter suas próprias formas de opressão e até de terror, são históricos e estão conectados com o mundo através das relações de poder, de muitas maneiras estão determinados por elas (ESCOBAR, 2005, p 77).

O presídio, como instituição normatizadora, tenta a cada instante enquadrar os sujeitos às suas condições de funcionamento onde toda quebra de protocolo poderá trazer prejuízo e desordem. Mostrar, constantemente, como profissional que o conhecimento do lugar, do espaço, dos sujeitos era importante para desmistificar a imagem que a sociedade tinha do preso foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho, todavia, foi uma conquista reconhecida gradualmente, vista, sobretudo pelo entendimento de quem era o sujeito preso e a importância do trabalho.

Por muitos momentos perguntava-me: o que estou fazendo aqui? O porquê de está passando por tantas dificuldades na implantação de um trabalho? Percebi que o preconceito demonstrado pelos que estavam à frente do poder não se dava soberanamente pelos homens, mas inacreditavelmente pelas mulheres encarceradas.

Contrariamente ao que esperava, os atendimentos com as mulheres presas foram mais complicados do que com os homens, as relações de poder, de dominação por parte delas ela explícito, pelo menos assim elas pensavam e nos viam enquanto equipe técnica, formada por mulheres, como concorrentes daquele espaço. Segundo afirma, Albuquerque Júnior:

É a estas definições prévias, definições ou descrições que não advêm do conhecimento do outro, mas que nascem da hostilidade, da distância ou do desconhecimento do outro, que chamamos de preconceito. O preconceito, como a própria palavra deixa entrever, é um conceito prévio, um conceito sobre algo ou alguém que se estabelece antes que qualquer relação de conhecimento ou de análise se estabeleça. É um conceito apressado, uma opinião, uma descrição, uma explicação, uma caracterização, que vem antes de qualquer esforço verdadeiro no sentido de se entender o outro, o diferente, o estrangeiro, o estranho, em sua diferença e alteridade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 10).

Desfazer essa imagem errônea era mais uma vez desconstruir para construir. Havia uma linha tênue muito clara durante os atendimentos a essas mulheres presas que precisava ser cuidadosamente trabalhada durante as escutas, para que não houvesse um preconceito declarado. Lidar com essa fronteira limítrofe necessitava de coragem e humildade, segundo afirma Azerêdo (2011).

O preconceito com a mulher profissional estava claramente tipificado nas atitudes demonstradas por todos naquele espaço de poder, onde os embates eram contínuos, antes

com os funcionários e posteriormente com as mulheres presas. É o que Foucault (1995), afirma, “[...] a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares [...] e a batalha continua” (FOUCAULT, 1995, p. 146).

O que foi demonstrado claramente ao ouvirmos os discursos das mulheres presas, pois antes eram as únicas mulheres naquele espaço e posteriormente ameaçadas pela figura representativa que passamos a demonstrar. Porque, enquanto as mulheres encarceradas colocavam-se no mesmo patamar dos homens do ponto de vista da criminologia, delinquência e poder. Conosco, enquanto mulheres livres eram ameaça, no sentido de competição pela atenção dada pelos homens, perigo do espaço conquistado por elas como dominadoras do sexo feminino.

Lidar com essas relações de poder mostra que o contexto prisional é mais complexo do que eu imaginava e que a minha prática discursiva era preciso ser realizada. Mesmo, ela sendo muitas vezes detida, compelida e frustada com o intuito de ser “[...] controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1999, p. 9).

Sabe-se que principalmente nesse ambiente tão controverso, que é o presídio, o dito poderá causar uma “desordem”, um caos, aquilo que já está ordenado, pois os sujeitos que estão incluídos dentro dessa materialidade de poder são arredios, complexos e vistos como uma sociedade a margem, ou seja, não se pode dizer tudo e de qualquer forma, como afirma Foucault (1999).

A interdição do discurso não se torna algo simples e único, há outras formas de exclusões, como a separação e a rejeição, tão bem destacadas por Foucault para exemplificar a importância da verdade, sendo ela ouvida, considerada ou rejeitada. A sociedade que esta nesse processo é que permitirá a condução do discurso para que ele seja revelado ou mascarado, caindo mais uma vez ao esquecimento, se isso for de interesse ou não a uma determinada parcela da sociedade.

E o que observei dentro dos muros, foi que os discursos dos presos caíam no esquecimento, como vozes levadas ao vento, sendo nunca antes pronunciadas ou reveladas. No entanto, ela sempre esteve presente, nunca antes reconhecida.

A presença da equipe técnica trouxe a oportunidade dessas vozes serem ouvidas e entendidas, revelando a construção de outro discurso. E eu, enquanto sujeito participante dessa construção discursiva não poderia apenas desobedecer, ao que já estava dito, eu teria que deslocar os meus conceitos, os meus valores, para entender o significado do dito. Deslocando-me da minha área de conforto que eram os meus valores tão enraizados possibilitou a construção de outros conceitos, ideias possibilitando outra leitura, outra episteme do que estava vivenciando.

Fundamentalmente o olhar diferenciado para os presos, possibilitou a construção de uma realidade diferenciada a ser vista, de forma inacabada, deslocada, desconstruída, à medida que o meu olhar era construído por experiências individuais vivenciadas. Era o cristalizado sendo desfeito.

As palavras podem definir as coisas, mais é a linguagem, o discurso que torna uma imagem real e desfazer-se do rótulo do marginal, do vagabundo, do que não deseja nada, não foi fácil por toda cultura impregnada aos meus olhos, aos meus ouvidos. Era preciso dessacralizar o signo.

Mesmo tendo uma formação nas áreas das humanas, a imagem construída do preso era real, a existência de uma rígida grade cultural mostrava-me aprisionada em meus conceitos.

A forma na figura do preso possibilitou analisar o conteúdo e olhar a aparência materializada buscando compreender esses sujeitos. Eu precisava desordenar minhas ideias para pensar e trazer a ordem dentro do local ou pelo menos dentro da minha memória. Lidar com a imagem mostrada revelada inicialmente amedrontava-me, apesar de haver um desejo constante de ajudar, atender, mudar a realidade de alguma forma, não foi fácil, apenas com o tempo, o entendimento e as constantes frustrações e vitórias foi que o meu trabalho realmente começou.

O preso em si, como ator principal do sistema penitenciário é uma figura desconhecida para a sociedade, que apenas observa os registros, os percentuais relatados e por isso não veem o desconhecido, o não revelado, o íntimo. Como Psicóloga essa construção do revelado, começou a ser desvelado na medida em que os conheciam percebia que se tratava de homens e mulheres que não tiveram as mesmas oportunidades que grande parte da sociedade obteve.

As divulgações a nível nacional e regional dos crescentes registros de criminalidade confirmam o medo, o preconceito da imagem caracterizada pelos sistemas de poder, não que não seja algo real, pois, segundo informações da Depen (Departamento Penitenciário Nacional), o Brasil encontra-se no ranking mundial entre os cinco primeiros países onde a criminalidade é maior. Dentro dos países da América Latina, o Brasil é o país com a maior população prisional atualmente.

Ainda, segundo informações da Depen, a evolução da populacional carcerária entre os anos de 1990 e 2012, foi significativa. No ano de 1990 a quantidade de presos a nível nacional era de 90.000 indivíduos, já em 2012 somam-se a 548.003 indivíduos, totalizando um crescimento populacional de 508%. No estado do Acre, até o ano de 2012, a análise da população carcerária era de 3.545 presos; Se analisarmos pela quantidade populacional de 100.000 habitantes o Acre fica em 2º lugar no ranking nacional.

Não há como anular os dados contidos nessa pesquisa realizada feita pelo Depen, e não é o meu objeto de interesse, no entanto, o que gostaria de registrar nesse momento não são apenas os números, mas o indivíduo enquanto sujeito que precisa ser visto de outra forma, não somente como criminoso, bandido, marginal. Fragmentar esses conceitos constantemente foi parte do meu dia a dia dentro do sistema penitenciário, tendo em vista que os primeiros atendimentos a existência do medo, da insegurança eram presentes e mais uma vez as intimidações de poder através dos corpos tatuados, das linguagens diferenciadas, dos olhares intimidadores eram reais.

Não poderia aceitar o discurso acabado, concreto, eu precisava desfazer a imagem exteriorizada. Essa imagem exteriorizada pode se caracterizar como os estereótipos dados a esses grupos específicos da sociedade, de onde é mais fácil dizer a olhos vistos do que conhecer realmente, é a subjetividade interiorizada, é o que afirma Albuquerque Júnior, “O estereótipo é uma espécie de esboço rápido e negativo do que é o outro” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 13).

Dentro do domínio do meu conhecimento, o olhar, o entender, o capturar o não dito foi fundamental para que eu pudesse retirar todo estereótipo cristalizado e perceber o nível de envolvimento que aqueles sujeitos tinham naquele mundo tão particular deles. Ao entendê-los percebi que a estrutura organizacional de suas vidas foi constituída justamente pelas as relações de inferioridade e de exclusão que tinham vivenciado. Existiam as exceções, como em todo lugar, de presos que estavam encarcerados por aventura, por fascinação, mas quase todos os presos estavam ali devido às oportunidades que o crime oferecia.

Em seus relatos de vida, as histórias eram confusas e desordenadas, contadas as avessas, como se fossem para eles mesmos, como forma de se auto-afirmarem como

indivíduos pertencentes a um lugar, demonstrando as identidades que foram sujeitas a influências e interferências do mundo. Segundo Albuquerque Júnior, no seu livro *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia* (2012), diz que:

[...] somos seres culturais, capazes de produzir, através de várias formas de linguagens, significados e sentidos para tudo com que nos relacionamos já nestes primeiros agrupamentos humanos veremos estes territórios, estas demarcações territoriais ganhar sentidos culturais, serem demarcados simbolicamente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 7).

A cada atendimento percebia o desejo latente que os presos tinham de se posicionarem/impondo seus direitos, atribuindo voz aos seus discursos. As informações dadas sobre suas condutas tornaram-se necessárias para entendê-los e ajudá-los. Com o passar do tempo, a imagem que foi reconstruída, mostrava sujeitos com sentimentos, com vontades, com necessidades.

Ao buscar entender esses homens e mulheres encarcerados resgatamos a sua história e dispomos a contá-las de forma conjunta, reescrevê-las com novas perspectivas de um futuro diferente, melhor, foi o que busquei junto às colegas Assistentes Sociais através dos grupos de convivência com os homens, as mulheres e com as famílias. Diversos projetos foram realizados objetivando oportunizar esses sujeitos a uma nova cultura, sem ser aquela conhecida por eles como o caso dos delitos. Para Le Goff (2012, p.15), “[...] o interesse no passado está em esclarecer o presente; o passado é atingindo a partir do presente”.

Nesse pensamento, o trabalho individual e coletivo aos presos foi extremamente importante para conduzi-los a (re) memorizar o passado na busca de tentar reescrever uma história, é reconstruir algo inacabado. O relato do passado deles foi uma tentativa de reconstrução através das falas, dos argumentos, das histórias mostrando o inacabado constantemente, como sinal de uma época, de uma vivência que buscava estar no passado, mas que era assombrada no futuro, devido às relações mal resolvidas. Segundo Le Goff: “[...] o psiquismo é representado como sendo dominado pelas recordações inconscientes, pela história oculta dos indivíduos e, principalmente, pelo passado mais longínquo, o da mais tenra infância” (LE GOFF, 2012, p. 219).

A reconstrução desse discurso trata-se de descobrir a palavra muda, que esta no interior, invisível a esses sujeitos como quanto aos outros, é tentar descobrir o que estava oculto.

É importante citar que esses contínuos trabalhos desenvolvidos sofreram as dificuldades pertinentes ao sistema, pois as relações de poder continuam sendo praticadas e as tentativas de reinserção desses sujeitos são, ainda hoje, complicadas. Buscávamos enquanto equipe técnica não só viver, ou melhor, trabalhar nos planos das idéias, mas olhar através de outro ponto de vista, outra categoria, que era a possibilidade de muitos desses presos resignificarem as suas vidas.

Observando as continuidades de poder, entre os diferentes sujeitos envolvidos dentro do contexto prisional, é fato que todos são ao mesmo tempo instrumentos que se deslocam e impulsionam determinadas atitudes que demandam uma contra resposta, ou seja, muitos desses presos, davam margem para os discursos serem contínuos, únicos, que não mudariam, o que não era percebido era que as relações de poder funcionavam como redes sociais, onde cada integrante obtinha a sua parcela dentro das relações.

O discurso degenerativo, as regras impostas, os limites fronteiriços estabelecidos dificultavam a visualização de uma futura liberdade, porque toda forma de expressão

utilizada pelos presos, principalmente configurada em sua linguagem, era tida como rebeldia e desobediência. Esses processos deslocavam a imagem da liberdade, da verdade. É o que Foucault, declara: “Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1999, p. 17).

O saber era alvo de brigas em todas as esferas de poder dentro do presídio, onde todos que estavam intramuros tentavam discursar uma verdade, mas unicamente essa verdade estava embutida senão no desejo e no poder ditar as regras do lugar. A medida que esses discursos eram ditos, ocorria os desnivelamentos devido ao tempo, as trocas discursivas que eram realizadas. Era o jogo proveniente das circunstâncias do lugar.

Os tropeços aconteciam no momento em que essas relações eram impostas, as várias tentativas de trabalhos conjuntos foram enviáveis no primeiro momento. Após a entrada do segundo ano de trabalho dentro do sistema prisional, os posicionamentos começaram a serem diferentes, devido ao conhecimento adquirido em cada esfera setorial da instituição. Esse conhecimento permitiu que cada sujeito pertencente aquela esfera de poder, entendesse que estávamos num mesmo barco, notando que os desafios para a realização do trabalho contemplavam a todos os envolvidos, incluindo tanto o corpo funcional do presídio quanto os presos.

Poderíamos entender que os nossos corpos se encontravam numa disciplina onde havia um controle das nossas ações, é o que Foucault fala sobre os corpos dóceis. Fomos sendo modelados pela maquinaria do poder (presídio), ao ponto de apenas construir ações que fosse do interesse da instituição. Segundo Foucault, “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe”. (FOUCAULT, 2003, p. 119). Esse recompor foi limitando todas as minhas ações, os meus gestos, os meus discursos, vedando as tentativas de romper com os velhos hábitos. Entendo hoje, que toda dificuldade enfrentada foi extremamente necessária para que houvesse algumas mudanças dentro do Presídio Evaristo de Moraes. Pois, os diversos embates travaram muitas ações que poderiam beneficiar os presos. Percebo que a instituição (presídio) gerava nas pessoas sentimentos depreciadores, visto que, a forma como ela foi suplantada mostra um desvio de intenções.

Após, algum tempo e pelas reformas estruturais feitas no presídio, o meu espaço físico foi finalmente conquistado, consegui uma sala para os atendimentos psicológicos individuais, esse momento foi importantíssimo para a realização de um trabalho mais eficaz, deixando as breves falas e escutas para acompanhamentos permanentes.

Observei que essas tomadas de posicionamento mudaram alguns sujeitos institucionalizados, pelas atitudes diferenciadas, discursos ditos e também esperanças renovadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relatar as minhas experiências pessoais foi resgatar lembranças que trouxeram grande alegria para mim, mas também grandes conflitos, pois foi um momento da minha vida em que vários pensamentos, posturas foram colocadas em prova.

O presídio, para mim, era um novo espaço de trabalho. Acostumada a interagir individualmente com as pessoas em uma sala fechada, lugar em que o ambiente externo não prejudicava o desenvolvimento dos atendimentos, e de repente lidar com gritos, grades, diferentes personalidades, briga de egos, crimes, era está dentro de uma tempestade. Entender esses conflitos era conhecer aquele espaço tão discutido mais tão pouco respeitado, uma vez que pensar no sujeito recluso é pensar a sociedade de forma geral, pois

aqueles homens e mulheres encarcerados são resultados de uma série de situações desestruturadas, enraizadas nos sistemas sociais, nas suas famílias e neles mesmos como personagens principais do contexto situado.

No entanto, como explicitadas anteriormente, as grandes dificuldades de relacionamento foi entre o corpo funcional, devido aos conhecimentos diferenciados do sujeito preso, dos posicionamentos que precisam ser defendidos e somente com o tempo e o reconhecimento da importância de cada indivíduo dentro da instituição que as relações de poder foram entendidas.

Lidar com as esferas de poder institucionalizadas é mexer com o que está quieto, pelo menos assim, é pensado, todavia é um mero engano, tratando-se de um sistema tão complexo, onde todas as relações estabelecidas são delicadas e complexas. Foi importante para eu entender a complexidade do sujeito preso, as diversas situações ocorridas desde uma briga ocasional a um começo de rebelião. Foram muitos discursos, diferentes vozes, onde todos tentavam ocupar o seu espaço.

Houve feridas emocionais, rupturas conceituais necessárias não só para mim mais para todos os envolvidos no sistema prisional, pois foi a partir daquele momento que os presídios do Acre, mas especificamente o Presídio de Sena Madureira, ganharam uma nova postura.

Essa nova roupagem não desfaz a trajetória do sistema prisional marcada durante décadas pelo abandono, pelo desrespeito, pelo sofrimento, refletida nos corpos, nos olhos, nos discursos de cada homem e mulher que ali estiveram, no entanto, trás a esperança de que existiriam pessoas interessadas nos excluídos, nos marginais, nos desfavorecidos por entender as histórias de vida que os mesmos passaram.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

AZEREDO, Sandra. *Preconceito contra a mulher: diferenças, poemas e corpos*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL, Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Infopen Estatística. Disponível em <http://www.mj.gov.br/depen>

ESCOBAR, Arturo. *O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?*. En libro: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLASCO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005. pp. 133-168. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clasco.org.ar/ar/libros/lander/pt/Escobar.rtf>. Acesso em: 02 maio. 2020.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luis Felipe Baeta Neves. – 7ª ed.– Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *A ordem do discurso*. 5ª Ed. São Paulo: Edição Loyola, 1999.

_____. 1926-1984. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no College de France (1983-1984)*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *Microfísica do Poder*. 11 reimpressão. Organização e Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 27ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão. 6ª ed. Campinas, SP: Editora Campinas, 2012.

ZAFFARONI, Eugênio Raul. *Em busca das penas perdidas*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

Submetido em maio de 2020
Aprovado em outubro de 2020

Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Jirlany Marreiro da Costa Bezerra
Docente do Instituto Federal do Acre - IFAC
E-mail: jirlanymarreiro@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1247-4444>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4372778195844854>